

Música
29 Maio '09

Via Latina OrchestrUtopica

Música contemporânea de Portugal e Espanha

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Concerto Via Latina · 81.º concerto

Direção artística do projecto José Júlio Lopes (em cooperação com Joan Cerveró e o Grup Instrumental de València) **Co-produção** OrchestrUtopica/Culturgest

Produção executiva OU – Élio Correia **Conteúdos, traduções e adaptação de conteúdos** Helena Romão

Créditos OU e/ou dos autores identificados · Via Latina ©® (incluindo textos), 2009, OrchestrUtopica ACSFL

A OrchestrUtopica deseja tornar público o seu agradecimento a:
José Machado, João Almeida, RTP Antena 2.

Sex 29 de Maio

Palco do Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h20 · M12

A rede da nova música

De Lisboa a Valência, o concerto *Via Latina* une dois mundos musicais que, apesar da proximidade geográfica, reciprocamente se desconhecem. A ligação que se estabelece assim, entre compositores, músicos e público de Portugal e Espanha, procura criar novos laços entre as culturas musicais contemporâneas dos dois países. O concerto apresenta obras de compositores portugueses e espanhóis numa mostra representativa que visa contribuir para o conhecimento recíproco, mas, também, o que não é menos importante, para a internacionalização da nova música portuguesa.

O concerto *Via Latina* faz parte de um projecto de cooperação internacional iniciado pela OU – e, no caso, partilhado entre a OrchestrUtopica e o Grup Instrumental de València (um dos mais importantes e representativos agrupamentos espanhóis de música contemporânea). O projecto consiste na realização de dois concertos, em ambas as cidades, com o mesmo programa e cumpre o duplo objectivo de encontrar formas de internacionalizar a nova música portuguesa e de iniciar uma série de colaborações em rede internacional, através das quais não só o nosso trabalho pode ser visível mas, sobretudo, a música dos compositores portugueses poderá tornar-se mais conhecida no estrangeiro.

Os fundamentos para este trabalho de intercâmbio e de partilha de recursos criaram-se com a fundação do European Ensembles Network (Ensembles Europeus em Rede), de que a OU é um dos fundadores. Programação em rede, partilha de recursos, partilha de músicos, maestros e solistas, circulação de projectos, de obras e de compositores...

Eis alguns dos objectivos deste projecto que verdadeiramente hoje se inicia: aqui, no palco da Culturgest – uma casa do mundo.

O programa deste concerto apresenta um conjunto de compositores de Portugal e de Espanha escolhidos de entre os muitos possíveis (actualmente, as escolhas são felizmente inúmeras). Numa perspectiva geracional – um dos muitos critérios possíveis –, escolhemos seis compositores. Numa tal *vista*, tornam-se claros os caminhos da criação musical dos dois lados da fronteira. Alguns paralelos. Outros divergentes. Outros um pouco específicos e localizados.

Sem dúvida, revelam-se, assim, também, o que são as proximidades e as afinidades estéticas das comunidades musicais dos dois países, o que é o mundo de cada compositor, as suas ligações e interesses. Guerrero, Posadas e Sotelo são três grandes compositores espanhóis contemporâneos pouco conhecidos em Portugal. De igual modo, Peixinho, Pinho Vargas e Tinoco são três grandes compositores contemporâneos portugueses pouco conhecidos em Espanha. A troca é, assim, feita num projecto concreto que aproxima as experiências e os mundos musicais destes compositores que agora damos a ouvir e a conhecer. De perto.

Cabe aqui um agradecimento especial ao maestro Joan Cerveró, sem cujo entusiasmo, cumplicidade e total partilha de interesses, este projecto não seria possível e à Culturgest que o recebe e assim o torna realizável.

José Júlio Lopes

Programa

Jorge Peixinho

A Aurora do Socialismo (1976),
Madrigale Capriccioso 15'

Francisco Guerrero

Concierto de Cámara (1977) 7'

António Pinho Vargas

Três Quadros para Almada (1994) 17'

Intervalo

Mauricio Sotelo

Wall of Light Sky (2006),
para ensemble e banda magnética 12'

Luís Tinoco

Short Cuts C (2003-04) 8'

Alberto Posadas

Crispis (2003), para ensemble 12'

Maestro

Joan Cerveró

OrchestrUtopica

Flauta Katharine Rawdon

Oboé Laura Marcos

Clarinetes Iva Barbosa, João Moreira,
David Silva, Ricardo Alves

Fagote David Harrison

Trompa Paulo Guerreiro

Trompete Sérgio Pacheco

Trombone Hugo Assunção

Percussão Elizabeth Davis,
Marco Fernandes, Sandro Andrade

Piano Elsa Silva

Violino I Vítor Vieira

Violino II Juan Carlos Maggiorani

Viola David Montes

Violoncelo Marco Pereira

Contrabaixo Petio Kalomenski



Jorge Peixinho (1940-1995)

compositor

Jorge Peixinho nasceu no Montijo em 1940. Foi compositor, pianista, professor, crítico e maestro. Estudou Piano e Composição no Conservatório de Lisboa e depois, com uma bolsa da Fundação Gulbenkian, estudou em Roma com Boris Porena e Goffredo Petrassi.

Trabalhou com Luigi Nono, Karlheinz Stockhausen e Pierre Boulez e frequentou os Cursos de Verão de Darmstadt, onde participou nos projectos de composição colectiva com Stockhausen.

A sua obra reflecte por um lado a grande influência deste compositor e também o seu envolvimento político de esquerda, aspecto em que se aproxima das referências e da obra de Luigi Nono.

Em 1970 fundou o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa - que dirigiu até à sua morte - que desde então divulga e promove a música contemporânea portuguesa. Foi colaborador regular dos Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea desde o seu início em 1977.

Foi um dos compositores portugueses do século XX que mais marcou a música dos seus colegas e alunos - Paulo Brandão, Isabel Soveral, Clotilde Rosa são alguns dos compositores cuja obra tem ainda hoje marcas da influência de Peixinho.

Participou em diversos festivais internacionais e recebeu encomendas de agrupamentos e instituições como o GMEB de Bourges ou o New Music Concerts de Toronto (que lhe dedicou uma semana do Festival), entre outros.

Recebeu diversos prémios: o do Conservatório Nacional, o Sassetti, o da Casa da Imprensa, o Gulbenkian, o da SPA, do Conselho Português da Música e o Prémio Joly Braga Santos. Foi galardoado com as medalhas de Mérito Cultural e de Ouro da Cidade do Montijo.

Faleceu em 1995.

A Aurora do Socialismo, *Madrigale Capriccioso (1976)*

Desde os anos 60 havia diversas obras em que Jorge Peixinho fazia referência às suas convicções políticas: *CDE*, *Morrer em Santiago*, *Elegia a Amílcar Cabral*, algumas com data anterior ao 25 de Abril.

Do PREC e do Verão Quente resultou *A Aurora do Socialismo* - iniciada em 1975 e acabada em 1976 -, cujo título evoca o ideal comunista da Revolução Russa. Trata-se de música com conteúdo abertamente político, tal como aconteceu na obra de Luigi Nono.

Através da música, e sem concessões face ao seu estilo herdado do serialismo de Webern e de Stockhausen, Peixinho mostra várias metáforas da ideia de "aurora" - algumas históricas, outras

ligadas à própria imagem do despontar da luz.

Desde 1972 as obras do compositor revelavam um lirismo ligado à temporalidade, perceptível através de metáforas – já em *As Quatro Estações* tinham aparecido as estações do ano.

Esta obra foi estreada na Fundação Calouste Gulbenkian em 1978.

OU, adaptação



Francisco Guerrero (1951-1997)

compositor

Francisco Guerrero nasceu em Linares, Espanha, em 1951. Em 1969-70 montou o estúdio de electroacústica da Radio Popular em Granada. Em 1970 recebeu o primeiro Prémio de Composição, que seria seguido de outros tão importantes como o da Fundação Gaudeamus em 1974.

Recebeu encomendas dos mais prestigiados festivais e agrupamentos (Nieuw Ensemble, Ensemble Contrechamps, Festival de Metz, entre outros).

Foi professor, tendo sido responsável pela fundação do Departamento de

Música por Computador na Universidade Politécnica de Las Palmas.

A sua música revela-nos um compositor enérgico; para ele o rigor na composição podia e devia estar aliado às exigências de um espírito apaixonado pelo conhecimento. Guerrero interessava-se por vários domínios científicos: estudou Matemática, Física, Arquitectura, Informática.

Morreu em 1997, em Madrid.

Concierto de Cámara (1977)

O *Concierto de Cámara* de Francisco Guerrero, composto em Novembro de 1977, é destinado a um pequeno ensemble de câmara constituído por flauta, clarinete baixo e quarteto de cordas. A obra é baseada no choque estático/dinâmico. Inicia com uma longa cadência de violoncelo com micro-intervalos. Depois a flauta assume gradualmente um relevo de solista, com um longo solo quase a meio da obra, e que tem a indicação “com carácter de improvisação”. Os instrumentos de corda têm apenas um relevo de fundo e tocam sobretudo em *pizzicato*, limitando as execuções com arco a notas-pedais que ponteiam a obra. Entre o solista e o grupo de arcos encontra-se o clarinete baixo, elo agregador que ora toma as notas-pedais e as rouba a este ou àquele instrumento, ora simplesmente as reforça.

Foi estreado no Festival de Orléans em França em 1977.

OU, adaptação



António Pinho Vargas (1951)

compositor

António Pinho Vargas nasceu em Vila Nova de Gaia em 1951. Licenciou-se em História pela Faculdade de Letras do Porto. Diplomou-se em Composição no Conservatório de Roterdão em 1990, onde estudou com Klaas de Vries, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi condecorado pelo Presidente da República Portuguesa com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique em 1995. Foi professor de Composição na Escola Superior de Música de Lisboa entre 1991 e 2005. Frequentou cursos e seminários de composição com Emmanuel Nunes, John Cage, Louis Andriessen, György Ligeti e Franco Donatoni. Desempenhou as funções de assessor na Fundação de Serralves (Porto), entre 1994 e 2000, e no Centro Cultural de Belém, entre 1996 e 1998.

Ligado ao jazz vários anos, gravou sete discos com dezenas de composições originais e tocou em muitos países da Europa e nos EUA. Recebeu por três vezes o Prémio de Imprensa Sete de Ouro para o melhor disco instrumental

do ano. Compõe também música para teatro e cinema, nomeadamente para filmes de João Botelho e José Fonseca e Costa e para encenações de Carlos Avilez. Em 2008 editou o CD duplo *Solo*, disco do ano em vários jornais e publicações.

Sobretudo a partir da sua estada na Holanda, António Pinho Vargas tem-se dedicado principalmente à composição erudita contemporânea, ocupando lugar de relevo no actual panorama português. As suas obras têm sido encomendadas por instituições como a Fundação Calouste Gulbenkian, a Culturgest, o Teatro Nacional de São Carlos, a Casa da Música e vários Festivais de Música, entre outros.

Foi editado em 1995 o CD *Monodia*, com o apoio de Lisboa 94, Capital Europeia da Cultura. O quarteto de cordas *Monodia-quasi un requiem* foi incluído no CD do Arditti String Quartet *Portuguese Chamber Music*. A ópera *Os Dias Levantados* e as obras *Graffiti [just forms]*, *Six Portraits of Pain* e *Acting Out* estão editadas em CD.

A Culturgest organizou um Festival António Pinho Vargas em 2002. No mesmo ano foi realizado por Manuel Mozos e Luís Correia o documentário *António Pinho Vargas, notas de um compositor*. Saiu em 2002 o livro *Sobre Música* e em 2008 o livro *Cinco Conferências: especulações críticas sobre a História da Música do século XX*.

O compositor está actualmente a trabalhar num doutoramento em Sociologia da Cultura na Universidade de Coimbra sob a supervisão do Prof. Boaventura de Sousa Santos (CES da Universidade de Coimbra) e na Universidade de Durham (Reino Unido) com o Prof. Max Paddison

como bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Recentemente integrou como Investigador o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Três Quadros para Almada (1994)

Rapariga preparando-se para o primeiro baile

Operário observando a máquina avariada

Velhote bebendo um copo de vinho depois de um sonho

Três Quadros para Almada foi encomendada pela Escola Profissional de Música de Almada. Nesta obra voltei a usar uma melodia como ponto de partida e não usei outra coisa em toda a peça senão derivações das quatro notas iniciais, e implicações harmónicas, aliás desagradáveis, do primeiro intervalo, 2.ª menor. Em *Operário observando a máquina avariada* essa figura existe em praticamente todos os compassos, mas os gestos são outros. Julgo que percebi que a principal tarefa do compositor não reside na escolha de um material “politicamente correcto”, a validade da obra estando assegurada.

Não acredito nisso. Que outros acreditem não me incomoda. Espero não incomodar ninguém por não acreditar.

Além disso usei ritmos triviais. Hoje todos os ritmos são triviais.

É tão trivial uma colcheia com ponto semi-colcheia como uma septina da qual só se toca a segunda, a terceira e a sexta! O vocabulário é neutro.

A gramática é que manifesta as condicionantes históricas e geográficas.

Há música contemporânea em Angola hoje? Claro que há, mas outra! E em

Darmstadt ou Pequim? Sim, sim, mas sempre outras...

Nos *Três Quadros para Almada* há um elemento singular que aparece nas três peças, um cluster no registo grave do piano. Posso dar-lhe um nome – o medo. De que medo se trata? Do medo da rapariga de não encontrar sequer o desejo no olhar dos rapazes? Do operário face ao desemprego mais que provável se a máquina se avariar outra vez? Ou do velhote que depois do sonho da força juvenil acorda face ao medo mais primordial de todos: o da morte? Ou do meu próprio medo, afinal o único verdadeiro – mas um medo imaginado será menos real que um verdadeiro? – que reúne, vive e realiza os três num só.

António Pinho Vargas

<http://www.antoniopinhovargas.com>



Mauricio Sotelo (1961)

compositor

O compositor madrileno Mauricio Sotelo realizou os seus estudos de Composição com Francis Burt na Universidade de Música de Viena. Sotelo frequentou a classe de Composição de Roman

Haubenstock-Ramati e estudou ainda Música Electroacústica com Dieter Kaufmann e Direcção de Orquestra com Karl Österreicher. Mais tarde completou a sua formação com Luigi Nono em Berlim e Veneza.

Recebeu, entre outros, o Prémio Nacional de Música, o Prémio Rainha Sofia, o Förderpreis da Fundação Ernst von Siemens e os prémios de Composição das cidades de Hamburgo, Colónia e Viena.

A sua música foi estreada nos mais prestigiados fóruns internacionais, tais como os Festivais de Salzburgo, Wien Modern, na Bienal de Veneza, Festival Internacional de Granada, entre muitos outros. Como maestro tem-se apresentado em Munique, Viena, Amesterdão, Roterdão, Veneza, Madrid, com formações como o Klangforum Wien, Concentus Vocalis, Ensemble di Venezia, musikFabrik Köln ou a Orquestra de Córdoba.

Por outro lado, desenvolveu uma intensa actividade pedagógica, sendo convidado por instituições da Áustria, Alemanha, Espanha, Itália, Japão e Estados Unidos. Mauricio Sotelo é membro do Conselho Superior de Ensino Artístico de Espanha.

Wall of Light Sky (2005)

A verdadeira filosofia é tanto música ou poesia quanto pintura; a verdadeira pintura é tanto música quanto poesia; a verdadeira poesia – ou música – é tanto pintura quanto certa divina sabedoria.

Giordano Bruno

Wall of Light Sky foi inspirada na obra do grande pintor irlandês Sean Scully, em especial na série de quadros que têm

o título *Wall of Light...* que pintou no final dos anos 90.

Sou apaixonado pela pintura desde a infância e foi com ela que aprendi muitos dos “segredos” que constituem o meu próprio universo sonoro. Recordo com singular emoção os longos passeios pelo Museu do Prado mas, sobretudo, os momentos em que algumas obras mais recentes me marcaram como um raio de obscuridade penetrando nos mais profundos recantos da alma e incendiando figuras adormecidas da minha memória que então se levantavam, transformadas em sons luminosos.

Estas fortes experiências interiores foram criando um mundo ao qual me sinto intimamente ligado e que poderia centrar-se no eixo Paul Klee, Mark Rothko e Sean Scully.

Na interioridade vibrante da pintura de Scully habita, na minha perspectiva, um horizonte musical e é para esse horizonte que dirijo o meu olhar-escuta. As suas obras revelam-se para mim como uma vibrante matéria-espaço boquiaberta perante uma interrogação, perante o silêncio. Revelam-se no meu interior como lugar-Matriz de um som aberto ao possível.

O tempo que passamos perante uma verdadeira obra de arte está de algum modo sempre impregnado pelo inevitável aroma da dúvida, da interrogação perante o incognoscível. Escreve Edmond Jabes: “A origem é, talvez, uma pergunta”. E a obra de Scully na sua mais profunda e vibrante dimensão conduz-nos continuamente ao fundo; é um espaço aberto em forma de interrogação, cujos sons nos convidam a ir atrás do desconhecido, mas – como escreveria Jabes sobre a música do

compositor veneziano Luigi Nono – “não para aprender o que se ignora mas, pelo contrário, para desaprender, para não ser mais do que a escuta do infinito onde soçobramos, a escuta do naufrágio”.

Wall of Light Sky é dedicada a Joan Cerveró e ao Grup Instrumental de València.

Maurício Sotelo – Madrid, Abril de 2006



Luís Tinoco (1969)

compositor

Luís Tinoco formou-se em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa e, posteriormente, com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e do Centro Nacional de Cultura completou um Mestrado em Composição na Royal Academy of Music em Londres. Presentemente encontra-se a fazer estudos de Doutoramento na Universidade de York sob orientação de Nicola LeFanu.

Paralelamente à sua actividade de compositor tem exercido funções docentes na Escola Superior de Música de Lisboa e noutras instituições de ensino.

Enquanto programador e divulgador musical destaca-se a sua colaboração com a Antena 2 da RTP como autor e produtor de programas radiofónicos dedicados à nova música e, mais recentemente, assumindo a direcção artística do Prémio Jovens Músicos.

A música de Luís Tinoco é publicada no Reino Unido pela University of York Music Press (www.tinocoluis.com).

Short Cuts C (2003-04)

Short Cuts (2003-04) – foi encomendada pelo Apollo Saxophone Quartet com o apoio do Arts Council of England North West – e foi estreada a 1 de Dezembro de 2004 no Festival Atlantic Waves, em Londres.

Desde então tenho feito várias transcrições de *Short Cuts* para diferentes combinações instrumentais, entre as quais se inclui a versão “C” que pode ser ouvida no concerto de hoje (para quatro sopros, piano e três percussões).

A peça pretende jogar com o duplo sentido possível de “short cuts”. Isto é, tanto com a ideia de gestos musicais acutilantes, como com a ideia de se poder tomar um caminho diferente, mais curto, para se chegar a um determinado destino. Mas, antes de tudo o mais, foi escrita a pensar na sonoridade e nas qualidades ímpares do Quarteto de Saxofones Apollo, a quem *Short Cuts* é dedicado.

Luís Tinoco



Alberto Posadas (1967)

compositor

Compositor espanhol nascido em 1967 em Valladolid. Em 1988 conheceu Francisco Guerrero, com quem estudou Composição e a quem considera seu verdadeiro mestre; com ele explorou novas formas musicais graças à utilização de técnicas como as combinações matemáticas e à teoria fractal. No entanto, a auto-determinação e a busca constante da integração da estética nos processos matemáticos levaram o compositor à procura de outros modelos para a composição, nomeadamente a transposição de espaços arquitectónicos para música, a aplicação de técnicas oriundas da topologia e da pintura na relação com a perspectiva, ou ainda a exploração de fenómenos acústicos dos instrumentos musicais ao nível microscópico.

Recentemente o seu interesse pela relação do movimento com a transformação electrónica do som levou-o a participar num projecto multidisciplinar organizado pelo IRCAM e que será iniciado em 2009.

Em 2003 Alberto Posadas foi seleccionado pelo comité de

leitura do IRCAM e do Ensemble Intercontemporain e em 2006 recebeu uma bolsa da Casa de Velázquez que lhe permitiu realizar, com Andrés Gomis, um projecto de investigação sobre novas técnicas de tocar saxofone baixo e a sua aplicação na composição.

Muitas das suas obras foram encomendadas pelos maiores festivais internacionais e por músicos como Esteban Algora, Andrés Gomis, Alexis Descharmes e o Ensemble Intercontemporain e estreadas por alguns dos mais prestigiados agrupamentos dedicados à música contemporânea.

É professor no Conservatório de Mahadahonda em Madrid e conferencista convidado por diversos cursos de música contemporânea.

IRCAM – Centre Pompidou

Crispis (2001)

A dinâmica entre o visível e o oculto como forma de construção do processo musical encontra uma das suas manifestações mais claras e emblemáticas em *Crispis*. O título da peça refere-se em biologia ao fenómeno através do qual alguns animais passam despercebidos, ao adoptar a cor ou a forma do meio em que habitam. Para Posadas “esta ideia de adaptação e integração do indivíduo no meio ao ponto de aparecerem ambos como dois entes indissociáveis e irreconhecíveis na sua individualidade, é o conceito base da gestão da obra”.

Crispis reflecte também o interesse do autor pelos processos de irreversibilidade, que consistem em apresentar uma série de materiais dissociados – apresentados de forma individualizada

e reconhecível –, e submetê-los depois a transformações que os fazem convergir (com um efeito de fusão) num novo contexto onde é impossível deduzir a proveniência de cada elemento: “Cada situação sonora não se manifesta como uma consequência nítida de um determinado material, mas como uma forma de crescimento orgânico de uma estrutura, na qual o meio condicionou a forma de adaptação de cada um dos materiais.

É precisamente esta lógica que governa o desenvolvimento e a subsistência de *Crispís*. Por um lado, temos quatro “meta-materiais” que poderíamos agrupar nas seguintes categorias: acordes espectrais, ressonâncias, polifonias de elementos paralelos mas desfasados e blocos texturais (que é onde todos os elementos convergem e se fundem). Por seu lado, cada meta-material caracteriza-se no seu interior pelo borbulhar dinâmico de materiais mínimos que – com um trabalho de finíssima ourivesaria – oscilam entre a perceptibilidade e a imperceptibilidade. O impulso horizontal da peça adquire assim um sentido adicional de verticalidade. Esta é evidente desde os primeiros compassos, que são sem dúvida o que de mais epidermicamente espectral Posadas escreveu até hoje (alguns momentos parecem evocar o começo de *Partiels* de Grisey).

A mesma verticalidade apodera-se pouco a pouco de *Crispís* trazendo texturas cada vez mais agudas e finas, como se os elementos pesados se evaporassem gradualmente, até um harmónico dos dois violinos: talvez aqui o visível e o oculto alcancem o seu envolvimento máximo e paradoxal. E quando a obra parece destinada a apagar-se num delgado rasto luminoso regressam

os acordes iniciais ocupando a totalidade dos registos do grave ao agudo. Estamos perante uma espécie de coda extensa e grandiosa, uma panorâmica do aparecido e o desaparecido destinada outra vez a esfumar-se em nuvens de harmónicos.

Stefano Russomanno (OU, adaptação)



Joan Cerveró

maestro

Nasceu em Manises (Valência) em 1961. Estudou nos Conservatórios de Valência, Madrid, Liceo de Barcelona, Schola Cantorum de Paris e na Guildhall School of Music em Londres. Continuou os estudos de Direcção com Antoni Ros Marbá, Sergio Celibadache, Arturo Tamayo e Adrian Thorn e de Composição com Marco Stroppa, Magnus Lindberg e Kaija Saariaho no IRCAM.

Como compositor, dedicado principalmente à música de cena, recebeu diversos prémios e colaborou com Carles Santos, Nuria Espert, Irene Papas, Dario Fo, La Fura dels Baus, Nacho Duato, entre outros.

Como maestro apresentou-se um pouco por todo o Mundo. Em 2006 estreou-se na ópera no Teatro Real de Madrid com *Dulcinea* de Mauricio Sotelo. Dirigiu as estreias espanholas de *Four Notes Opera* de Tom Jonson, *Europera n.º 5* de John Cage ou *Neither* de Morton Feldman.

Dedicado à música contemporânea, dirigiu obras de todo o século XX, desde *A Sagração da Primavera* de Stravinsky à estreia absoluta de obras de compositores europeus, sobretudo espanhóis. Esta abertura estilística levou-o a dirigir produções como *O Concerto de Aranjuez* com o Ballet Nacional de Espanha, espectáculos de cinema com música ao vivo ou com solistas como Carmen Linares ou Arcángel, entre outros.

É director do Festival Internacional de Música Contemporânea ENSEMS e maestro titular da Orquestra Sinfónica de Valência. Em 2004 foi nomeado Director Musical do Ballet dos Teatros Nacionais de Valência.

É, desde 1994, director artístico do Grup Instrumental de Valência, agrupamento de câmara especializado na interpretação de música contemporânea, que recebeu em 2005 o Prémio Nacional de Música na especialidade de interpretação.



OrchestrUtopica

A OrchestrUtopica (OU) é um agrupamento de câmara dedicado à promoção da nova música, concebido como um *instrumento* para compositores. Fundada em 2001 – pelos compositores Carlos Caires, José Júlio Lopes, Luís Tinoco e António Pinho Vargas, e o maestro Cesário Costa –, foi saudada com grande entusiasmo pelo público, pela crítica e pela comunidade musical. Ao fim de cinco anos já realizou mais de quarenta concertos, em Portugal e no estrangeiro. Mais do que um grupo dedicado à nova música, de espírito independente de qualquer academismo, a OU apresenta-se como um espaço de diálogo e troca de experiências radicalmente diferente da atitude tradicional. Sempre que possível, os compositores representados nos programas da OU são chamadas a participar em fóruns abertos de discussão com músicos, artistas e público. A OU acredita firmemente na diversidade estética como a mais saudável postura; a sua filosofia de programação não reconhece fronteiras entre campos musicais e entre disciplinas artísticas; a sua vitalidade depende de uma visão aberta e abrangente no que respeita à criação musical e artística contemporâneas.

Nos concertos que já realizou, a OU apresentou inúmeras obras

encomendadas a compositores portugueses em estreia absoluta e primeiras audições em Portugal de compositores estrangeiros, tendo podido contar até agora com a colaboração de maestros e solistas de renome internacional, como os maestros Yu Feng, David Allen Miller, Odaline de la Martinez, Tapio Tuomela, Fabián Panisello, Olivier Cuendet, as sopranos Nicole Tibbels, Yeree Suh e Monique Krüs e o violinista sueco Fredrik Burstedt, entre outros. A formação da OU apresenta alguns dos melhores músicos portugueses e estrangeiros residentes em Portugal, membros das principais orquestras e agrupamentos do país. É graças aos músicos que colaboram com a OU que as suas apresentações em concerto e o seu projecto têm merecido as melhores referências.

A OrchestrUtopica beneficia de um subsídio plurianual do Ministério da Cultura/DGArtes (2003, 2004; 2005/2008; 2009-2012) e, desde a temporada de 2006/2007, é “orquestra em residência no CCB”.

OrchestrUtopica

Director José Júlio Lopes **Maestro titular** Cesário Costa **Produção** Élio Correia **Assistente** Helena Romão **Presidente da Mesa da Assembleia Geral** Paula Gomes Ribeiro **Presidente do Conselho Fiscal** André Sá Machado **Maestros convidados** Yu Feng (Chi), David Allen Miller (EUA), Odaline de la Martinez (GB), Tapio Tuomela (Fin), Fabián Panisello (ARG), Jean-Sébastien Béreau (FR), Olivier Cuendet (SUI), Santiago Serrate (ESP)

Solistas convidados Ana Ester Neves, soprano (POR); Nicole Tibbels, soprano (GB); Fredrik Burstedt, violino (SE); Pedro Meireles, viola (POR); Yeree Suh, soprano (COR); Monique Krüs, soprano (NL); Guillaume Grosbard, violoncelo | **Compositor-residente** João Madureira (2004); Nuno Côrte-Real (2005).

A OrchestrUtopica é uma Associação Cultural Sem Fins Lucrativos Copyright © 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008 e 2009 OrchestrUtopica. Todos os direitos reservados. O logótipo e a designação OrchestrUtopica são propriedade da OrchestrUtopica ACSFL. A OrchestrUtopica é uma estrutura apoiada financeiramente pela Direcção-Geral das Artes – Ministério da Cultura (2003, 2004; 2005/2008; 2009/2012)

Contactos:

Largo do Carmo 18, 1º eq, 1200-092 Lisboa, Portugal
Tel. & Fax: +351 213 474 148
Email: geral@orchestrutopica.eu
www.orchestrutopica.eu

Próximo espectáculo

João Paulo toca Carlos Bica



Jazz Qui 4 Junho

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h15 · M12

Piano João Paulo **Composições** Carlos Bica
Participação especial Carlos Bica

Elogiar um amigo poderá parecer algo demasiado óbvio e de pouco interesse. No entanto é impossível falar sobre o João Paulo sem lhe tecer elogios.

João Paulo é, na minha opinião, o músico referência no panorama da música improvisada feita em Portugal. Apesar do mercado exigir que um músico traga sempre consigo, e de preferência em letras bem legíveis, um rótulo musical, ele recusa-se a fazê-lo, ou melhor, são os rótulos que se afastam dele por ser demasiado honesto. Músico dono de uma mestria de instrumento e de uma musicalidade genial raras, João Paulo é muito mais do que apenas um excelente pianista, ele é um músico capaz de criar do momento, do agora.

Sinto-me especialmente lisonjeado por poder ouvir o João Paulo a tocar a minha música. Ele interpretou, recriou

e inventou as minhas composições. Apenas me resta agradecer-lhe profundamente por este especial acto de cumplimento artística e pela sua amizade.

Carlos Bica

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Carmo Rolo

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Filipa Ferro estagiária

Patrícia Paixão estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direcção Técnica

Eugénio Sena

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
